



A homilética quaresmal a partir de Ambrósio de Milão: algumas contribuições bíblico-eucológicas*

Lenten homiletics from Ambrose of Milan: some biblical-eucological contributions

ANDRÉ LUIZ BENEDITO ^a

JOSÉ AGUIAR NOBRE ^b

Resumo

O objetivo deste artigo consiste em verificar algumas contribuições da pregação ambrosiana para a homilética quaresmal. Valendo-nos de uma pesquisa bibliográfica, iniciaremos abordando os textos bíblicos e eucológicos da Quaresma, desembocando no tema da pregação litúrgica. Discorreremos acerca do tempo quaresmal na época de Ambrósio, bispo de Milão, em que serão focalizados dois aspectos da catequese ambrosiana: o ensino moral, sobretudo em relação ao patriarca Abraão, e a prática do jejum. A partir desses dados, indagamos: qual a contribuição da pregação ambrosiana na preparação da homilia à luz do Lecionário e do Missal no tempo da Quaresma? Os resultados esperados apontam que, com o auxílio da catequese de Ambrósio, o pregador demonstra que a Palavra e a Eucaristia constituem o alimento do batizado durante sua jornada rumo às celebrações das festas pascais.

Palavras-chave: Quaresma. Homilia. Ambrósio de Milão. Palavra. Eucaristia.

* Este texto é fruto de uma pesquisa de estágio pós-doutoral na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, PUC-SP, sob a supervisão do Prof. Dr. José Aguiar Nobre.

^a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP. Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral. Estágio pós-doutoral em Teologia pela PUC-SP. e-mail: katolous@yahoo.com.br

^b Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil. Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral, e-mail: nobre.jose@gmail.com

Abstract

The objective of this article is to verify some contributions of Ambrosian preaching to Lenten homiletics. Using a bibliographical research, we will begin by approaching the biblical and eucharistical texts of Lent, leading to the theme of liturgical preaching. We will discuss the Lenten season at the time of Ambrose, bishop of Milan, focusing on two aspects of Ambrosian catechesis: moral teaching, especially in relation to the patriarch Abraham, and the practice of fasting. From these data, we ask: what is the contribution of the Ambrosian preaching in the preparation of the homily in the light of the Lectionary and the Missal during Lent? The expected results indicate that, with the help of Ambrose's catechesis, the preacher demonstrates that the Word and the Eucharist constitute the nourishment of the baptized during their journey toward the Easter celebrations.

Keywords: *Lent. Homily. Ambrose of Milan. Word. Eucharist.*

Introdução

Dentre os tempos do Ano Litúrgico, a Quaresma é um daqueles que marcam fortemente a vida dos batizados. De fato, seu início é caracterizado por um sinal externo: a imposição das cinzas. Também o jejum e a abstinência de carne são elementos que fazem parte da inauguração da jornada rumo à Páscoa. Além disso, há os exercícios de piedade, como a via-sacra, e as procissões penitenciais, que anunciam uma comunidade vivendo a Quaresma. Há ainda as confissões comunitárias, às quais acorrem muitos fiéis desejosos de purificarem seus corações para bem celebrar a ressurreição de Cristo.

Ao lado desses sinais externos, há outros não tão chamativos, porém, de grande importância. Eles estão presentes em todas as celebrações litúrgicas e ajudam a nortear o batizado em seu itinerário para a Páscoa. Trata-se dos textos bíblicos e eucológicos que, graças à reforma litúrgica, tornaram a celebração dos ritos uma verdadeira escola de espiritualidade quaresmal. Todo esse conjunto possibilita àqueles que presidem às celebrações os meios necessários para preparar uma boa homilia, a fim de ajudar os fiéis a viverem este tempo de graça e salvação. Assim, a pregação litúrgica tem uma grande importância por ressaltar o apelo à conversão, ajudando o batizado a tomar consciência de suas faltas e, por conseguinte, abrir-se à misericórdia divina.

Sendo assim, a primeira parte deste artigo apresentará uma visão geral dos textos bíblicos e litúrgicos no período quaresmal, terminando por desembocar no tema da homilia. A abundância da linguagem trazida pela liturgia renovada permite ao homiliasta ajudar os fiéis a se preparar para as festas pascais, não só pelos tradicionais exercícios de conversão – esmola, jejum e oração – mas também pela escuta da Palavra de Deus que continuamente nos chama à conversão.

A liturgia reformada também foi inspirada pela redescoberta dos Padres da Igreja. Na era patrística, a Quaresma era um tempo dedicado à preparação dos candidatos para a recepção dos sacramentos da Iniciação Cristã na noite de Páscoa. Contudo, os fiéis já iniciados também aproveitavam o momento para revigorar a fé e renovar a graça batismal. Assim, a riqueza da pregação dos Padres e dos elementos quaresmais desta época trouxeram um grande incremento para a reformulação deste tempo forte a partir do Concílio Vaticano II. Por isso, na segunda etapa apresentaremos a Quaresma em Milão no tempo do bispo Santo Ambrósio (340-397), ressaltando, sobretudo, a prática do jejum e o ensino moral que eram úteis não somente aos candidatos ao batismo mas também para a comunidade dos que já aderiram à fé em Cristo.

Na terceira parte, enfim, veremos como alguns pontos da pregação de Ambrósio podem oferecer ao homiliasta uma nova luz para os textos bíblicos e eucológicos do período quaresmal. Os eixos desta aproximação estão nas perícopes relativas ao patriarca Abraão – personagem que aparece nos anos A, B e C do 2º Domingo da Quaresma – e na prática da penitência. Assim, a atualidade dos textos ambrosianos pode ajudar o homiliasta a nutrir a assembleia dos fiéis com o pão da Palavra e a prepará-los para se abrirem à graça ao receberem o pão da Eucaristia durante sua jornada quaresmal.

A Quaresma nos textos bíblicos e eucológicos

A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, ao abordar o Ano Litúrgico (nn. 102-111), parte dos fundamentos da natureza do ciclo temporal e apresenta algumas considerações sobre o domingo, os exercícios de piedade, as festas

do Senhor, da Virgem Maria e dos santos. Dos tempos litúrgicos, apenas o da Quaresma recebe alguma atenção (SC, nn. 109-110), ressaltando que os fiéis devem “ouvir com mais frequência a Palavra de Deus e entregarem-se à oração com mais insistência para a celebração do mistério pascal” (SC, n. 109). Além disso, “quanto à catequese, seja inculcada na alma dos fiéis, juntamente com as consequências sociais do pecado, a natureza própria da penitência que detesta o pecado como ofensa feita a Deus” (SC, n. 109).

A reformulação do Ano Litúrgico a partir do Concílio Vaticano II teve grandes implicações nos textos bíblicos do novo Lecionário. Com efeito, no tempo quaresmal, as leituras dominicais e feriais têm um grande papel na orientação pastoral e espiritual dos fiéis. As perícopes do Antigo Testamento nas leituras dominicais podem ser divididas em três grupos: aquelas que apresentam a história da salvação (aliança original; ciclo de Abraão; êxodo; deserto e a história de Israel); textos que proclamam a lei (relacionados ao dever moral imposto pela aliança); por fim, os apelos dos profetas à conversão e ao arrependimento (BERGAMINI, 2004, p. 268). Por isso mesmo, vale ressaltar que:

[...] o conjunto das leituras deve ser vivido com força, principalmente como uma visão contemplativa da ação de Deus, o qual é o protagonista da História da Salvação e dá ao ser humano gratuitamente o que este último não merece em razão de seu repetido pecado e infidelidade (FARNÉS, 2007, p. 68).

De fato, segundo os Princípios gerais do Elenco das Leituras da Missa, as perícopes do Antigo Testamento relacionam-se a eventos histórico-salvíficos, um dos temas inerentes à catequese quaresmal. No ciclo trienal – anos A, B e C –, são mostrados os principais elementos dessa história, partindo das origens até a promessa da Nova Aliança (*Ordo Lectionum Missae*, n. 97).

Ao longo dos cinco domingos, os evangelhos seguem o esquema trienal. Se nos dois primeiros domingos há uma temática comum – Cristo tentado e transfigurado –, o mesmo não se pode dizer em relação aos demais. No Ano A, constata-se um itinerário batismal, cujas perícopes evangélicas abordam o encontro de Jesus com a Samaritana (Jo 4,5-42), o cego de nascença (Jo 9,1-41) e a ressurreição de Lázaro (Jo 11,1-45). No Ano B,

a quaresma é marcadamente cristocêntrica, cuja série de textos do Evangelho de João concentra-se no mistério da cruz gloriosa de Cristo. Jesus é o verdadeiro templo que será destruído – como na sua morte; porém, será reconstruído na ressurreição (Jo 2,13-25). Cristo exaltado na sua dolorosa paixão é a tipologia da serpente erguida por Moisés no deserto (Jo 3,14-21) e é o grão de trigo que se parte na terra e dá vida com sua morte (Jo 12,20-33). Por fim, no Ano C, estamos diante de uma quaresma penitencial, que aborda os temas da misericórdia divina oferecida e o apelo à conversão para acolhê-la. Temos, então, a parábola da figueira sem frutos (Lc 13,1-9), a do filho pródigo (Lc 15,1-32) e, por fim, o episódio da adúltera perdoada (Jo 8,1-11) (AUGÉ, 2013, p. 336-337; BERGAMINI, 2004, p. 268). As epístolas dominicais, por sua vez, funcionam como um eco das demais leituras e se destacam, sobretudo, por seu caráter moralizante. Se o plano salvífico de Deus é apresentado nas demais perícopes, as cartas apostólicas buscam apontar elementos em vista da prática pessoal dos fiéis (FARNÉS, 2007, p. 70).

Para os dias feriais, o lecionário apresenta bastante variedade de textos. Nas três primeiras semanas são versados temas que se relacionam a atitudes fundamentais da vivência cristã, dentre as quais temos a caridade, a oração, o jejum, o serviço e a humildade (BERGAMINI, 2004, p. 271). Na segunda etapa da quaresma, a partir da segunda-feira da 4ª semana, encontramos uma leitura semicontínua do Evangelho de João, mais especificamente os trechos que abordam a crescente oposição entre Jesus e os judeus (FARNÉS, 2007, p. 73).

Ao lado dos tradicionais exercícios quaresmais – jejum, oração e esmola –, a espiritualidade quaresmal encontra na escuta e meditação da Palavra de Deus um ponto importante no caminho de conversão do fiel. Com efeito, é através das Escrituras que o batizado toma consciência de seus pecados, recebe o chamado à conversão e tem a certeza da misericórdia divina. O exame de consciência não é um fechamento em si mesmo, mas um processo de abertura à palavra salvífica e um confronto com o Evangelho. A partir dos textos bíblicos, a ascese tem como fundamento o agir de Deus, em Cristo, que nos renova interiormente com o dom do Espírito, fazendo-nos morrer para o pecado e nos ressurgindo para a vida nova. É a experiência de um novo êxodo, de uma nova criação, de uma nova aliança que está em vista.

Através da mortificação, o cristão aceitar abrir espaço para Deus e, assim, procurar “agir conforme a verdade para se aproximar da luz” (Jo 3,21) (BERGAMINI, 2004, p. 282-283).

O encontro com a Palavra de Deus move o fiel a perceber a maldade do pecado cometido sob o horizonte da aliança, isto é, a misteriosa relação nupcial entre Deus e seu povo. No profetismo, o pecado é denunciado como traição e infidelidade conjugal. Além disso, Jesus, que veio em busca dos pecadores (Lc 19,10), revela o coração misericordioso do Pai que ama, espera e tem iniciativa em dar o abraço da reconciliação. O percurso quaresmal, iluminado pela Palavra, leva o batizado a uma profunda experiência de uma relação interpessoal com Deus. Em consequência, o fiel sente que o pecado é, antes de tudo, ofensa a Deus – “somente contra vós eu pequei” (Sl 50,6) – e ruptura da amizade com ele. Enfim, a nova consciência trazida pela Palavra de Deus conduz o batizado à experiência da partilha do amor e da misericórdia do Pai para com os irmãos que voltam convertidos (BERGAMINI, 2004, p. 282).

Em consequência da reforma do Lecionário, a Igreja apresenta algumas diretrizes acerca da importância da homilia nos tempos fortes: “Recomenda-se muito a pregação da homilia nos dias de semana do Advento, da Quaresma e do Tempo Pascal, para o bem dos fiéis que participam regularmente da celebração da missa” (OLM, n. 25). Na Carta Circular da Congregação para o Culto Divino “*Paschalis Solemnitatis*” acerca da preparação e das celebrações das festas pascais, há a seguinte orientação sobre o tempo quaresmal:

Os pastores expliquem a palavra de Deus de modo mais frequente e mais amplo nas homilias dos dias feriais, nas celebrações da palavra, nas celebrações penitenciais, em pregações particulares, durante a visita às famílias ou a grupos de famílias para a bênção (n. 13).

O número 25 da introdução geral ao Ritual da Penitência elenca alguns temas homiléticos que se encaixam muito bem no contexto quaresmal. Tendo como ponto de partida a aversão ao pecado e a conversão a Deus, o texto ressalta alguns aspectos a serem levados em consideração: a infinita misericórdia de Deus, que está acima de nossas iniquidades e, incansavelmente, nos chama de volta à comunhão com Ele; a importância da

penitência interior, através da qual somos impelidos a reparar os danos provocados pelo pecado; a dimensão social da graça e do pecado, pois este afeta todo o corpo eclesial; enfim, as obras da penitência, não apenas no âmbito pessoal, mas também no exercício da verdadeira caridade diante de Deus e do próximo. Com efeito, de acordo com Magrassi (1984, p. 132), ninguém é um mero espectador diante do anúncio da Boa Nova. A homilia tem a missão de provocar uma resposta de vida à Palavra anunciada. Da audição, passa-se à missão.

Em relação aos textos eucológicos, a reforma litúrgica superou a insistência no jejum e na mortificação temporal, que corria até mesmo o risco de reduzir a prática quaresmal a uma simples moderação alimentar. O novo Missal procurou também realçar aspectos positivos como a oração e a prática da caridade. A palavra *ieiunium*, outrora frequente, é substituída por termos de sentido mais amplo como *paenitentia*, *opus*, *observantia*. Em geral, na eucologia aparecem alguns temas como o exercício da caridade, a conversão, o caminho para a Páscoa, o perdão aos irmãos, a oração e o jejum do pecado (BERGAMINI, 2004, p. 272-273). A renovação espiritual precisa estar em sintonia com a observância exterior, conforme a Oração Coleta da Sexta-feira depois das Cinzas (MISSAL ROMANO, 2020, p. 179). Aliás, as orações presidenciais – coleta, sobre as oferendas e depois da comunhão – são muito ricas e ajudam a aprofundar os temas elencados pela liturgia reformada. Isso sem falar nas antífonas de entrada e de comunhão que colaboram para que a assembleia litúrgica adentre mais profundamente o mistério celebrado.

Os prefácios dos dois primeiros domingos relacionam-se diretamente ao tema da tentação e da transfiguração de Cristo. No primeiro domingo, ouvimos: “Jejuando quarenta dias no deserto, Jesus consagrou a observância quaresmal” (MR, 2020, p. 182). Com efeito, Cristo está presente e operante na Igreja e sua obra purificadora nos batizados confere valor salvífico às práticas penitenciais (DIRETÓRIO HOMILÉTICO, n. 58). No segundo domingo, o texto do prefácio oferece uma bela síntese do Mistério da Transfiguração: “Jesus lhes mostra na montanha sagrada todo o seu esplendor. E com o testemunho da Lei e dos Profetas, simbolizados em Moisés e Elias, nos ensina que pela Paixão e Cruz, chegará à glória da ressurreição” (MR, 2020, p. 189).

De fato, “a glória resplandecente do Corpo de Jesus é a mesma que Ele quer partilhar com todos os batizados na sua morte e ressurreição” (DH, n. 67).

Do terceiro ao quinto domingo do ciclo A, os prefácios correspondem aos temas do evangelho, conforme já apresentados. No terceiro domingo, ouvimos: “Ao pedir à Samaritana que lhe desse de beber, Jesus lhe dava o dom de crer. E, saciada sua sede de fé, lhe acrescentou o fogo do amor” (MR, 2020, p. 197). Vale lembrar que não apenas nós, mas também o próprio Jesus tem sede, cujo ápice ocorrerá no alto da cruz, quando grita: “Tenho sede!” (Jo 19,28) (DH, n. 72). No quarto domingo, partindo do relato do cego de nascença, aparece o tema da luz: “Pelo mistério da encarnação, Jesus conduziu à luz da fé a humanidade que caminhava nas trevas. E elevou à dignidade de filhos e filhas os escravos do pecado, fazendo-os renascer das águas do Batismo” (MR, 2020, p. 205). Esta iluminação iniciada no batismo é reforçada ao recebermos a Eucaristia (DH, n. 73), conforme aparece na antífona da comunhão: “O Senhor ungiu os meus olhos. Fui e lavei-me, comecei a ver e acreditei em Deus” (MR, 2020, p. 205). Por fim, no quinto domingo da quaresma ouvimos: “Verdadeiro homem, Jesus chorou o amigo Lázaro. Deus vivo e eterno, ele o ressuscitou tirando-o do túmulo. Compadecendo-se da humanidade, que jaz na morte do pecado por seus sagrados mistérios, ele nos eleva ao Reino da vida nova” (MR, 2020, p. 213). No encontro com Cristo morto e ressuscitado em cada missa, expressamos a nossa fé de que ele é, aqui e agora, nossa ressurreição e nossa vida (DH, n. 76). Desse modo, tanto as leituras como seus respectivos prefácios são uma oportunidade para aqueles que desempenham o ministério da pregação: ajudar os fiéis a verem na quaresma o tempo propício do revigoramento da graça batismal e da purificação da fé recebida (DH, n. 69).

Existem outros cinco prefácios utilizados durante os dias da semana e do terceiro ao quinto domingo dos anos B e C (MR, 2020, p. 414-418). Os temas variam: há os mais diretamente ascéticos (um pouco o prefácio II, mas principalmente o III e o IV); por sua vez, o prefácio I ressalta elementos da liturgia renovada como a oração e a caridade fraterna; no prefácio V, há uma correspondência entre quaresma e êxodo, em que os batizados revivem os passos do povo de Israel em sua jornada. Também é importante recordar as denominadas orações eucarísticas sobre a reconciliação. A Oração Eucarística

VII ou Sobre a Reconciliação I têm ênfase na misericórdia concedida por Deus à humanidade (MR, 2020, p. 866-870). Por sua vez, a Oração Eucarística VIII, ou Sobre a Reconciliação II, ressalta a paz e a misericórdia entre os seres humanos (MR, 2020, p. 871-875).

Em suma, a liturgia renovada pelo Concílio Vaticano II procura oferecer à Igreja, ao longo destes quarenta dias, uma vivência estruturada em gestos e palavras, cujo sentido é dado pela Palavra de Deus e pela presença eficaz de Cristo (BERGAMINI, 2004, p. 276). À luz desses elementos, o homilista poderá “reconduzir as leituras da Missa ao seu centro que é o Mistério Pascal de Jesus, no qual entramos de modo mais profundo mediante a celebração dos Sacramentos Pascais” (DH, n. 57). É partir de tudo isso que percebemos a riqueza da liturgia quaresmal, vejamos a questão a seguir.

A Quaresma em Milão no tempo de Ambrósio

Nesta etapa, abordaremos alguns aspectos do período quaresmal em Milão no final do século IV. Ele é caracterizado pela preparação dos catecúmenos para a recepção dos sacramentos da Iniciação Cristã na noite de Páscoa. Era um itinerário marcado pelo processo de conversão em vista de dar um passo decisivo na adesão à vida nova em Cristo. Ao mesmo tempo, a comunidade dos já iniciados era envolvida na mesma atmosfera e, assim, poderia se beneficiar dos exercícios propostos durante a Quaresma.

Depois de traçar algumas linhas gerais do ensino catecumenal, nosso estudo abordará dois grandes eixos. O primeiro consiste na catequese moral, mediante a qual Ambrósio apresenta algumas orientações para que seus catequizandos já comecem o processo de incorporação de um estilo de vida condizente com a dignidade a ser recebida no batismo. Dentre seu conteúdo, destacaremos a figura de Abraão, amplamente usada pelo bispo de Milão como um exemplo bíblico a ser seguido na etapa de preparação. O segundo eixo encontra-se na prática ascética do jejum, em que veremos as motivações dadas por Ambrósio com o objetivo de ajudar seus catequizandos a se empenhar na batalha espiritual a ser realizada próximo à recepção dos Sacramentos da Iniciação Cristã.

Linhas gerais da formação catecumenal

No século IV, a Quaresma consistia no último momento de preparação dos candidatos ao batismo. Os catecúmenos que se propuseram a abraçar a vida nova em Cristo deixavam de ser simples “*audientes*” – “ouvintes” – e passavam a ser conhecidos como “*electi*” – “eleitos” – ou “*competentes*” – “candidatos”. Doravante, estes se submeteriam a um programa intenso de penitência e oração. Em linhas gerais, os elementos do período quaresmal em Milão consistiam em: reuniões litúrgicas quase cotidianas; jejum diário, exceto aos sábados e domingos; e um comportamento mais reservado que sinalizasse a renúncia às vaidades e aos prazeres mundanos (ARENZANO, 1957, p. 64). Durante a Quaresma eram celebrados ainda os escrutínios. Ambrósio fornece poucas informações a respeito, mas o que se sabe é que o rito era uma espécie de exorcismo (SATTERLEE, 2002, p. 153).

Durante a preparação próxima ao batismo, os *competentes* também viviam um período intenso de formação constante e metódico. Ambrósio não denomina de “catequeses” as suas instruções, mas refere-se a elas com os termos *lectio*, *instructio*, *expositio*, *explanatio*, *tractatus*, *sermo*. O conteúdo dessas catequeses abarcava tanto o aspecto moral como o dogmático (CERVERA BARRANCO, 2005, p. 28-29). Tais instruções ocorriam dentro de um contexto litúrgico, que incluía leituras e salmos, sendo ministradas duas vezes por dia, de segunda a sexta-feira (SATTERLEE, 2002, p. 149).

A catequese dogmática abordava as verdades de fé principais, tais como o Deus criador, a pessoa de Jesus e sua obra redentora, e a Trindade. Um grande momento desse ensino encontra-se na cerimônia da *Traditio Symboli*, que ocorria no domingo anterior à Páscoa. O bispo recitava o credo e explicava artigo por artigo aos *competentes*, que deviam aprendê-lo de cor. Outro ponto do ensino dogmático consiste no comentário aos sacramentos da Iniciação Cristã e na explicação do Pai-nosso, que eram deixados para depois da celebração dos ritos. Ambos estão presentes no conjunto das chamadas “catequeses mistagógicas” que, na literatura ambrosiana, correspondem aos tratados “Sobre os sacramentos” e “Sobre os mistérios” (ARENZANO, 1957, p. 64; CERVERA BARRANCO, 2005, p. 29-30).

A catequese moral

Para que seus catequizandos assimilassem um estilo de vida coerente ao ser cristão, Ambrósio reconheceu que precisava de duas coisas: modelos apropriados para imitar e princípios morais básicos para seguir. Em vista desse objetivo, o bispo de Milão voltou-se para as Escrituras: os Patriarcas forneciam os modelos, enquanto dos Provérbios se tiravam instruções morais (SATTERLEE, 2002, p. 150). Esses dois pontos são recordados por Ambrósio no início de seu tratado “Sobre os mistérios”:

Nós vos demos diariamente instruções morais, enquanto se lia a história dos patriarcas ou as máximas dos Provérbios, para que, formados e instruídos com essas coisas, vós vos acostumeis a entrar no caminho dos antepassados, a seguir o seu caminho e a obedecer aos oráculos de Deus, de modo que, renovados pelo batismo, mantenhais o gênero de vida que convém àqueles que foram purificados (1, 1).

A partir dessa opção, mostra-se que Ambrósio se orienta por um critério prático. Em vez de proceder esquematicamente sua catequese a partir do decálogo ou de um elenco de virtudes, o pastor milanês instrui seus *competentes* a partir de exemplos de pessoas que viveram muitos séculos antes (ARENZANO, 1957, p. 98). Com efeito, na Antiguidade, os exemplos eram fornecidos pela história. Os romanos os encontravam na vida de seus grandes personagens. Por sua vez, os cristãos, desejando se afastar do paganismo, buscavam seus modelos na Bíblia (BERTON, 1996, p. 349). Assim, de acordo com Ambrósio no tratado “Sobre os deveres”, os exemplos dados pelas Escrituras são mais nobres e mais antigos que os dos pagãos e podem ser mais facilmente compreendidos pelos ouvintes (I, 25, 116; III, 12, 80).

Muitos dos tratados ambrosianos têm como protagonistas personagens bíblicos: Caim e Abel, Noé, Abraão, Isaac, Jacó, José, Jó, Davi, Elias, Tobias. Porém, seus destinatários não eram exclusivamente os que se preparavam para o batismo, mas quaisquer outras categorias de pessoas – catecúmenos ainda indecisos ou fiéis já iniciados – poderiam se beneficiar destes ensinamentos. De fato, qualquer pessoa, fosse cristão ou não, poderia ouvir a pregação quaresmal. O ensino catequético a partir de personagens do Antigo Testamento acarretava uma dupla vantagem: não era uma exposição

abstrata e, ao mesmo tempo, iniciava os candidatos ao mundo das Escrituras (CERVERA BARRANCO, 2005, p. 29-30).

Dentre os heróis da Antiga Aliança, os Padres da Igreja davam um peso notável aos patriarcas do Gênesis devido ao exemplo de santidade: Isaac representa a união da alma com Deus; Jacó, a vida feliz; José é um exemplo de castidade (BERTON, 1996, p. 349). As graças abundantes que Deus concedeu a Abraão servem como um estímulo aos homens para imitá-lo (*De Abraham* I, 1, 2). Os patriarcas são amigos de Deus e caminham em sua presença vivendo na retidão. Por outro lado, nem sempre foram perfeitos: basta recordar a embriaguez de Noé e de Lot. Os seus erros servem para ensinar aos catequizandos a evitá-los (*Abr. I, 6, 58*). Em todo caso, “se os patriarcas pecaram, souberam também reconhecerem-se culpáveis e implorar de Deus a sua misericórdia: dignos, nisto, de serem imitados” (ARENZANO, 1957, p. 105).

A referência aos antigos patriarcas transforma o itinerário quaresmal proposto por Ambrósio em uma verdadeira escola de espiritualidade. Esta não apenas traz um sabor de novidade para os candidatos ao batismo, mas também revigora a vida cristã daqueles já iniciados na fé. A ponte que o bispo de Milão realiza entre os eventos do passado e o presente dos seus ouvintes, no fundo, mostra que “a espiritualidade cristã [...] é menos uma doutrina que uma história: não mais a história do antigo Israel, mas a da alma cristã” (BARSOTTI, 2009, p. 207). Nesse sentido, vejamos como Ambrósio abordava o personagem Abraão.

A figura de Abraão

Ambrósio dedica a esse personagem um tratado inteiro denominado “*De Abraham*” (“Sobre Abraão”), dividido em duas partes. No Livro I, o autor traz uma “abordagem moral e simples” (*Abr. I, 1, 1*), em que apresenta um ideal concreto de vida religiosa adaptado a todos, especialmente àqueles que se preparavam para receber o batismo. Preferindo um exemplo real às abordagens de cunho teórico, Ambrósio tenciona demonstrar que, se um homem feito de carne e ossos como nós conseguiu manter-se fiel ao projeto de Deus, nada impede que nós alcancemos o mesmo objetivo (ARENZANO,

1957, p. 99-100). No Livro II, Ambrósio pretende abordar “um sentido mais profundo” (*Abr.* II, 1, 1) dos acontecimentos da vida de Abraão. Ele é direcionado a um público mais preparado, capaz de digerir um alimento mais sólido. É provável que esta exposição não seja resultado de homilias proferidas, mas apenas dirigida a leitores (NAUROY, 1985, p. 374-375).

No início do Livro I, Ambrósio recorda a tentativa de se dar exemplos fictícios no mundo pagão, seja de um Estado ideal – como em *A República* de Platão –, seja da figura de um sábio – como na *Ciropédia* de Xenofonte. O bispo de Milão justifica o recurso à pessoa de Abraão por ser um exemplo de virtude real e fundamentada no ensinamento divino (*Abr.* I, 1, 2). Ao manifestar o ideal cristão à luz da pessoa concreta do patriarca, Ambrósio elabora uma espécie de *Ciropédia* para os seus ouvintes. Abraão é exemplo de um homem dedicado a Deus e seu progresso espiritual é ilustrado pela sua vida nômade. Desde a saída do mundo pagão, Abraão realiza um laborioso e contínuo peregrinar até Deus (TINEO TINEO, 2011, p. 14).

Na visão de alguns autores da Igreja Antiga – como Tertuliano –, Abraão era um personagem que não deveria ser imitado, pois sua conduta nem sempre era irrepreensível. Por outro lado, com poucas ressalvas, Ambrósio o defende vigorosamente, apresentando-o como um homem sábio e notável por suas virtudes (BERTON, 1996, p. 350-351; 363). Os eventuais erros cometidos por Abraão servem para mostrar que ele é um homem como os outros, pois a natureza dele não era diferente da nossa (*Abr.* I, 4, 22). Além disso, a fé e a obediência caracterizam a personalidade de Abraão. Ele as demonstra ao abandonar sua pátria e seguir para onde Deus mandar e quando se dispõe a sacrificar seu filho Isaac. Outras virtudes de Abraão são a sabedoria, o desprendimento, a abnegação e a hospitalidade (TINEO TINEO, 2011, p. 14-15).

Em suma, o longo itinerário nômade de Abraão, movido por uma misteriosa promessa divina, proporciona a Ambrósio um meio de orientar moralmente seus catequizandos nos altos e baixos de seus compromissos individuais e sociais. No âmbito das relações com Deus, no comportamento familiar, na forma de lidar com os servos e com os hóspedes e até mesmo nas decisões do mais profundo da consciência, Abraão – porque forte, fiel e justo – não apenas se configura a uma simples cópia a ser imitada, mas, sobretudo,

é o mestre que fala e faz, uma espécie de pedagogo, que conduz os batizados pelo caminho, cujo termo é a adesão a Cristo (ARENZANO, 1957, p. 101).

A prática ascética do jejum

Nesse processo de formação da vivência cristã não bastavam as lições catequéticas. Com efeito, o programa de vida quaresmal exigia um empenho da vontade e da inteligência, capaz de ajudar o catecúmeno a se tornar uma pessoa nova em Cristo. Outros meios indispensáveis para complementar o itinerário formativo consistem na ascese e na oração (ARENZANO, 1957, p. 107.152). Esta é apresentada por Ambrósio de modo mais sistematizado nos Livros V e VI do tratado “Sobre os sacramentos”, que consistem na exposição e explicação do Pai-nosso e em uma espécie de iniciação à vida de oração. Porém, tal abordagem se dá na semana após a recepção dos sacramentos da Iniciação Cristã. Por outro lado, não temos melhores informações a respeito de uma catequese sobre a oração durante o tempo quaresmal. Nesse período, B. Arenzano (1957, p. 159) acredita que Ambrósio oferecesse como repertório de uma vida de oração textos como salmos, estrofes de hinos religiosos, trechos de orações litúrgicas e leituras de páginas bíblicas. Desse modo, vamos nos deter no tema do jejum.

Os excessos de comilança e de embriaguez eram vícios arraigados no mundo antigo, dos quais nem mesmo os cristãos estavam isentos. Com efeito, desde as epístolas paulinas encontramos referências tanto ao vício da bebida (Rm 13,13; 1Cor 5,11; 6,10; 11,21; Gl 5,21) como à glotonaria (Rm 13,13). Paulo também adverte a Timóteo e a Tito que sejam vigilantes neste ponto em seu ministério pastoral. Recomenda ao primeiro que o bispo não seja dado ao vinho (1Tm 3,2-3). Ao segundo, que as anciãs não sejam escravas do vinho (Tt 2,3). Os perigos desses excessos continuavam bem presentes nos tempos de Ambrósio (LÓPEZ KINDLER, 2016, p. 10).

O tema do jejum é abordado no tratado *De Helia et ieunio* (“Sobre Elias e o jejum”), em que são expostas as consequências dos excessos alimentares e são exaltadas as vantagens da sobriedade. Não somente destaca o sentido negativo de evitar a falta de temperança, mas realça o fomento desta virtude.

A escolha de Elias mostra tanto a sua preferência por personagens do Antigo Testamento como o fato de o profeta ser também uma figura do Messias. Ambrósio tem como meta apresentar Cristo como modelo, mas Elias torna-se um excelente ponto de partida na exposição de um personagem a um auditório que abrange pessoas pouco familiarizadas com o Evangelho. O tratado também faz parte do ciclo de pregações do bispo de Milão no início da quaresma, como uma espécie de convite à assembleia para que se entregassem, sem reservas, ao exercício do jejum ao longo das semanas seguintes (LÓPEZ KINDLER, 2016, p. 11.17-18).

De acordo com Ambrósio, o jejum traz inúmeros benefícios: restaura a alma, nutre a mente, destrói os pecados, prepara a graça, é fundamento da castidade e o caminho que mais rapidamente leva a Deus – tal como ocorreu com Elias, que subiu ao céu (*De Helia et ieiunio* 3, 4). Ele, ainda, enumera diversos testemunhos bíblicos de sua prática: por meio do jejum, Elias fez chover e provocou fogo do céu (*Hel.* 2, 3); Moisés foi admitido à presença divina após ter jejuado 40 dias (*Hel.* 6, 16); a mãe de Sansão deixou a esterilidade pela abstinência de vinho (*Hel.* 6, 17); pelo jejum, os três jovens da Babilônia saíram ilesos da fornalha (*Hel.* 7, 19) e Daniel não foi uma presa na cova dos leões (*Hel.* 7, 20); o jejum preparou Judite para derrotar Holofernes (*Hel.* 9, 29); após rezar e jejuar, Ester conseguiu tocar o coração do rei Assuero, evitando o extermínio do povo judeu (*Hel.* 9, 30). Isso sem falar no próprio Cristo que “combateu para vencer, não porque tivesse necessidade de combater, senão para nos mostrar de antemão a forma de lutar e dar-nos depois a graça para triunfar” (*Hel.* 1, 1). Para Ambrósio, “a nossa batalha é o jejum” (*Hel.* 1, 1). Em seu “Tratado sobre o Evangelho de Lucas”, ele também adverte: “Jejua, se queres vencer” (IV, 24). Com efeito, “a vida do homem é uma batalha à qual se deve preparar com bravura, equipado com a arma do jejum, como fez Jesus no começo de sua vida pública, quando aceitou ser tentado pelo demônio” (LÓPEZ KINDLER, 2016, p. 11).

Na quaresma do tempo de Ambrósio, o ensino catecumenal oferecia um clima adequado aos exercícios de penitência e de oração. Uma vez que a comunidade cristã era convocada diariamente a participar das celebrações litúrgicas e escutar as homilias do bispo, ela não poderia ficar despercebida no entorno da praça da basílica. A seriedade e o fervor da comunidade

constituíam um atrativo para os curiosos e uma interpelação para aqueles ainda hesitantes em dar o decisivo passo de abraçar a fé cristã (ARENZANO, 1957, p. 156). Munidos desses ricos ensinamentos, vejamos a seguir.

Contribuições de Ambrósio para a homilética quaresmal

Nessa etapa, teremos dois enfoques em nossa reflexão. Em primeiro lugar, a figura de Abraão, que foi retomada pela liturgia renovada. Os textos de Ambrósio ajudam a compreender melhor as perícopes que narram a história do patriarca e abrem possibilidades para uma nova compreensão dos demais textos bíblicos e eucológicos. Na segunda parte, nos deteremos em algumas perícopes do lecionário referentes à prática da penitência. A partir delas, recorreremos aos textos ambrosianos que ajudarão o homilista a incrementar sua pregação, bem como a lançar uma nova luz para os textos eucológicos.

Abraão como modelo no itinerário quaresmal

Abraão é um personagem que aparece nos três ciclos litúrgicos do 2º. Domingo da quaresma. No ano A, é lido o texto de Gn 12,1-4a, cujo tema é a vocação de Abraão. No ano B, a perícopa de Gn 22,1-2.9a.10-13.15-18 aborda o sacrifício de Isaac. Por fim, no ano C temos Gn 15,5-12.17-18, que narra a Aliança entre Deus e Abraão. Os três grandes momentos da vida do patriarca são propostos para uma reflexão dos fiéis em sua jornada quaresmal de renovação da fé e da graça recebida no batismo. A segunda leitura provém de diferentes textos paulinos para cada ano. Por sua vez, os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, cada um em seu ciclo, referem-se todos ao Cristo transfigurado.

No relato da vocação de Abraão, há o chamado do Senhor para “sair da sua terra”. É um fato que merece a atenção de Ambrósio:

[...] examinemos agora se 'sair de sua terra' não significar sair desta terra, isto é, da morada de nosso corpo, da qual saiu o apóstolo Paulo que disse: 'Nós somos cidadãos do céu' (Fl 3,20); sair dos encantos e prazeres corporais, que, segundo disse, são como consanguíneos de nossa alma, a qual necessariamente sofre juntamente com o corpo, enquanto permanece estreitamente unida a ele. Por isso, devemos sair da maneira terrena de viver, dos prazeres mundanos, dos costumes e das ações da vida passada, de tal modo que, não apenas mudemos de lugar, senão que mudemos também a nós mesmos. Se desejamos nos unir a Cristo, deixemos as coisas corruptíveis (*Abr. I, 2, 4*).

O êxodo abraâmico configura um itinerário de conversão para o fiel que participa dos exercícios quaresmais. Com efeito, o patriarca que deixa tudo para trás e se lança ao futuro que Deus propõe é a imagem do batizado que abandona o pecado e parte rumo à "terra da promessa", isto é, à vida nova em Cristo. Se Abraão fez um percurso geográfico, a Quaresma se torna um tempo propício para a realização de um caminho espiritual, o que, de fato, não é uma mudança de lugar, mas uma transformação interior. Além disso, a prontidão de Abraão em deixar sua pátria é um modelo para o fiel deixar o pecado sem pensar duas vezes. Assim, na liturgia, ele "foi proposto para tua imitação, para que também tu compreendas que, se renuncia aos pecados, podes merecer a misericórdia do Senhor" (*Abr. I, 4, 22*).

A epístola que segue à referida perícopes do Gênesis é de 2Tm 1,8b-10. Nela aparece o tema da "vocação santa" à qual Deus nos chamou. No período quaresmal, reforça-se o empenho na vida de santidade: tal como o vocacionado Abraão assumiu o convite a se pôr em marcha, o batizado é lembrado do perene compromisso de seguir em frente para uma vida correspondente ao projeto de Deus.

O evangelho narra a transfiguração de Jesus (Mt 17,1-9) e está em relação com a oração coletiva. Em ambos, mostra-se que Deus ordenou ouvir o Filho amado, o que reforça a escuta da Palavra, enquanto um dos temas fundamentais da vivência quaresmal. Através das Escrituras proclamadas na liturgia, o fiel vai peregrinando pelos eventos da salvação presentes na Lei e nos Profetas – Moisés e Elias. Adentrando o mistério da Palavra, o batizado transfigura a imagem de Deus que carrega dentro de si e, ao "sair da maneira terrena de viver", é capaz de contemplar a "visão da glória do Senhor" – oração coletiva (MR, 2020, p. 188). Além disso, a escuta da Palavra já é uma

experiência de êxodo, pois o ouvinte sai de si para ir ao encontro do Outro. De fato, a audiência prestada ao Deus que nos fala “exige da parte do homem clara distância dos desejos egoístas e das paixões, recolhimento, concentração interior e capacidade de se elevar acima das coisas materiais para contemplar as eternas” (BONATO, 2008, p. 238).

No ano B, proclama-se o texto de Gn 22,1-2.9a.10-13.15-18 que narra o sacrifício de Isaac. Este momento crucial da vida do patriarca é longamente comentado por Ambrósio (*Abr. I, 8, 66-79*), atribuindo vários significados a cada etapa do evento. Temos, por exemplo, Isaac levado ao sacrifício como figura do Cristo que haveria de sofrer a paixão (*Abr. I, 8, 71*). Há, ainda, o carneiro preso no espinheiro pelos chifres que representa o sacrifício de Cristo no alto da cruz. Este fato também é interpretado por Ambrósio com relação à passagem de Jo 8,56: “Abraão viu meu dia e se alegrou” (Evangelho da Quinta-feira da 5ª Semana da Quaresma – Jo 8,51-59), isto é, ao ver o carneiro, o patriarca contemplou a paixão do Senhor (*Abr. I, 8, 77-78*). A segunda leitura (Rm 8,31b-34) mostra que Deus foi além de Abraão: não poupou seu próprio filho, que nos justificou por sua morte e ressurreição.

O episódio do sacrifício de Isaac é tradicionalmente conhecido por retratar a pronta obediência de Abraão. Deste tema, chega-se ao evangelho do dia (Mc 9,2-10) que se liga à ordem do Pai para que ouçamos o Filho amado (Mc 9,7). O tema da obediência é sintetizado por Ambrósio no final de sua interpretação deste momento da vida de Abraão: “Também nós, pois, ouçamos a voz de nosso Deus e obedeçamos seus preceitos, se quisermos encontrar graça diante Dele” (*Abr. I, 8, 79*). Assim, no exercício da obediência à Palavra ao longo do itinerário quaresmal e pela comunhão eucarística, poderemos fazer a experiência da graça divina em nossa vida, como uma forma de “ainda na terra, participar das coisas do céu” – oração pós-comunhão do 2º Domingo da Quaresma (MR, 2020, p. 189).

No ano C, por fim, encontramos o episódio da aliança entre Deus e o patriarca narrado em Gn 15,5-12.17-18. Abraão teve fé e acreditou que o Senhor lhe concederia uma descendência tão numerosa como as estrelas no céu (v.5-6). Segundo Ambrósio, a descendência é prolongada “mediante a herança que se transmite em virtude da fé, pela qual nos assemelhamos ao céu, nos comparamos com os anjos, nos igualamos com as estrelas” (*Abr. I, 3,*

21). Em paralelo com o evangelho que narra transfiguração do Senhor segundo Lc 9,28b-36, o batizado, em seu caminho quaresmal, é convidado à experiência da fé que transfigura a sua própria existência e o torna capaz de se reconhecer como “cidadão do céu” (Fl 3,20) – conforme a 2ª leitura de Fl 3,17-4,1 – e, pela eucaristia, “ainda na terra participa das coisas do céu” – oração pós-comunhão do 2º Domingo da Quaresma. Ambrósio, portanto, exorta seus ouvintes a imitar Abraão “para que herdemos a terra mediante a justiça da fé, pela qual ele herdou o mundo” (Abr. I, 3, 21).

Desse modo, o exemplo de Abraão ilustrado no ensino quaresmal de Milão no final do século IV é assumido pela Igreja a partir da reforma litúrgica. Ambrósio considera o patriarca um “mestre da moral [que] ensinou a esperar no Senhor, que se digna ajudar a quem busca aumentar a própria fé” (Abr. I, 8, 86). A vida de Abraão é um retrato das relações entre Deus e o batizado, cujo fundamento é a fé. Neste sentido, Abraão é o pai da fé exatamente porque em seu peregrinar o cristão reproduz na sua própria vida a relação entre Deus e Abraão. Para a liturgia da Igreja, Abraão é o “nosso patriarca”, e, no Evangelho, Jesus reconhece que os verdadeiros filhos de Deus são filhos de Abraão. De fato, conforme o texto de Jo 8,31-42, que aparece na Quarta-feira da V Semana da Quaresma, os filhos de Abraão são os que fazem suas obras. Como tipo da alma do fiel, o patriarca é o pai de todos os crentes e, por isso, ele tem um valor único de norma para a existência cristã (BARSOTTI, 2009, p. 212).

A prática da penitência

Na Quarta-Feira de Cinzas, dia de jejum e abstinência, é proclamada a perícopes de Mt 6,1-6.16-18, que aborda a prática dos três exercícios quaresmais de conversão: esmola, oração e jejum. Estes são apresentados por Jesus a fim de que o discípulo do Reino supere a formalidade típica dos fariseus, marcada pela falta de sintonia entre a exterioridade e a interioridade de seus gestos.

No tratado *De Helia et ieiunio*, Ambrósio apresenta alguns conselhos à luz da perícopa de Mt 6,16-18, que se refere especificamente ao jejum. O ponto de partida é a crítica aos que ostentam o fato de praticá-lo:

[Jesus] disse “hipócritas”, porque adotam com simulação a máscara de outro personagem, como os que no palco recitam as tragédias expressam seus sentimentos de acordo com as palavras das pessoas que representam, de modo que se mostram irados, tristes ou exultantes. Com efeito, esses tais tratam de aparentar que jejuam, desejosos de conseguir a aprovação dos homens, mais que a de Deus, como faziam os judeus (*Hel.* 10, 35).

Depois, Ambrósio interpreta duas expressões presentes em Mt 6,17 que podem auxiliar o homilista: “perfumar a cabeça” e “lavar o rosto”. O bispo de Milão apregoa “o perfume da sobriedade”, diferente daquele usado para a sedução. O bom odor também está presente no óleo que unge a cabeça (Sl 22,5), remetendo ao óleo da alegria com o qual o Pai ungiu a Jesus Cristo (*Hel.* 10, 36). E Ambrósio continua:

Com este óleo se nos ordena que unjamos nossa cabeça, a fim de que o azeite da alegria afaste todo tipo de tristeza farisaica, de modo que não pareça que tu pretendes fazer ostentação diante dos homens de teu jejum e estejas aflito pela salvação da tua alma. Porque ninguém recebe a coroa se está triste, ninguém triunfa se está abatido. [...] então conhecerás o que significa ungir vossa cabeça, como podes agradar a Deus, a fim de que te permita ter acesso aos seus sacramentos e te conceda a graça espiritual (*Hel.* 10, 36).

O tempo quaresmal, para muitos ainda considerado “pesado” e até mesmo “triste”, torna-se, então, um alegre compromisso de renovação interior, sobretudo em vista da meta a ser alcançada. A vitória da graça divina acontece não porque nos permitimos nos acabrunhar com o peso das nossas faltas, mas resulta de uma firme esperança e de seu consequente empenho no “combate contra o espírito do mal” – oração coleta da Quarta-feira de Cinzas (MR, 2020, p. 175). A preparação para celebrar as festas pascais é um itinerário alegre e confiante na misericórdia de Deus, que novamente nos coloca em sintonia com o mistério pascal de Cristo: morrer e ressuscitar com Ele para uma vida nova.

Com relação ao gesto de “lavar o rosto”, Ambrósio apresenta seu significado espiritual:

“Lava teu rosto” (Mt 6,17), limpe tua alma pecadora, purifica tua consciência. Porque muitas vezes o rosto é espelho da consciência e uma espécie de linguagem tácita da mente, seja que nos arrependamos do pecado, seja que nos alegremos por ser íntegros. Não desfigure esse rosto, lave-o e limpe toda mancha de tua consciência. Desfigura seu rosto todo aquele que leva uma coisa em seu coração e mostra outra para fora (*Hel.* 10, 37).

Ao longo da prática penitencial, o fiel é exortado também a “lavar o rosto”, isto é, a purificar-se das suas faltas e se “o rosto é o espelho da consciência”, Ambrósio também fala para não o desfigurar. Esta condição não só deixa o homem em situação pecaminosa como também quebra a harmonia entre a prática exterior e a disponibilidade interior. A quaresma retrata uma sintonia entre gestos interiores e exteriores para renovar a graça batismal. Com efeito, a oração sobre as oferendas da Quarta-Feira de Cinzas fala da “graça de dominar os maus desejos pelas obras de penitência e da caridade” e de “purificação das faltas” em vista de celebrar o mistério pascal (MR, 2020, p. 177). Ambrósio ajuda a liturgia a reforçar a importância da autenticidade da prática quaresmal, em uma espécie de harmonia entre os atos externos e a disponibilidade interior em vencer o pecado. Além disso, ao “lavar rosto” durante o período quaresmal, o fiel vai também redescobrir a imagem de Deus dentro de si e restaura a sua dignidade de filho do Pai celeste, em Cristo, pela força do dom do Espírito Santo.

A primeira leitura da Sexta-feira depois das cinzas (Is 58,1-9a) mostra a advertência do profeta em superar o ritualismo do jejum em vista da prática das obras de misericórdia. Ambrósio recorda a perícopa citando-a quase por completo (Is 58,3-7) e ressalta que a prática penitencial “não requer apenas a fome, senão o exercício completo do jejum” (*Hel.* 10, 34), isto é, “não se trata de castigar o corpo, mas de purificar as disposições da alma” (LÓPEZ KINDLER, 2016, p. 67, nota 118). Esta harmonia – já apresentada na Quarta-feira de Cinzas – é reforçada pela oração coletiva que exorta a assembleia “a viver interiormente as práticas externas da Quaresma” (MR, 2020, p. 179).

Na leitura de Gn 2,7-9; 3,1-7, proclamada no 1º Domingo da Quaresma do ano A, que recorda a desobediência dos primeiros pais no paraíso, o homilista pode recorrer à interpretação de Ambrósio no contexto do jejum. O bispo de Milão afirma que a ordem de Deus de não comer o fruto da árvore

do meio do jardim (Gn 2,17; 3,3) é um argumento a favor da antiguidade do jejum (*Hel.* 4, 6). E ele acrescenta: “A serpente incita à gula, o Senhor persuade ao jejum. [...] Portanto, a gula expulsou do paraíso o homem que ali reinava, a abstinência reinstalou no Paraíso a quem andava errante” (*Hel.* 4, 7). À luz do evangelho do dia (Mt 4,1-11), vemos que Cristo exorta pelo seu exemplo à prática do jejum. Sua vitória mostra o retorno do homem ao paraíso, visto que os anjos o serviram (Mt 4,11). Com o auxílio do prefácio do 1º Domingo da Quaresma, a liturgia nos mostra que, pela prática da abstinência e do jejum, vamos vencendo “o fermento da maldade” – trazido pela serpente – e nos preparando “para a Páscoa definitiva” – o paraíso (MR, 2020, p. 182).

O mesmo prefácio, ainda, diz que Jesus “desarmou as ciladas do antigo inimigo”. Isso reproduz o pensamento de Ambrósio ao declarar que “o Senhor pôs à frente, antes de tudo, o jejum para desatar esse laço e as cadeias do tentador. [...] Com aquele laço, Adão tinha sido estrangulado” (*Hel.* 1, 1). Jesus ensina aos homens que a confiança na Palavra de Deus é a solução frente à tentação diabólica, dando-lhes a possibilidade de serem libertados (*Hel.* 1, 1).

Assim, percebemos que a reflexão de Ambrósio proporciona ao homilista ajudar os batizados a saborear a riqueza da celebração litúrgica no tempo quaresmal e a dar um novo sopro de motivação em vista da prática penitencial. De fato, os textos ambrosianos, tal como a liturgia renovada, não só incentivam o jejum e a abstinência como também reforçam a importância de superar o formalismo em sua prática. “O homem é, assim, purificado dos vícios e pecados e conduzido à recuperação da sua dignidade e do seu equilíbrio interno; em uma palavra: é conduzido à *vida nova*, fruto da Páscoa de Cristo” (BERGAMINI, 2004, p. 283).

Considerações finais

A aproximação entre a catequese ambrosiana – presente, sobretudo nas obras *De Abraham* e *De Helia et ieiunio* – e os textos bíblicos e eucológicos da reforma litúrgica oferece ao homilista um oportuno incremento na

preparação da pregação quaresmal. No segundo domingo da quaresma, o novo Lecionário assumiu, especificamente, o tema do patriarca Abraão, proporcionando aí uma grande oportunidade de vislumbrar algumas contribuições da catequese quaresmal utilizada por Ambrósio. De fato, como Abraão, também realizamos nossa peregrinação na fé e procuramos deixar nossa maneira terrena de viver para estar com Cristo.

Também os textos bíblicos relacionados ao jejum e à abstinência são enriquecidos pela interpretação do grande bispo de Milão, abrindo aos fiéis uma percepção nova da Escritura e um novo olhar acerca da própria prática penitencial. Desse modo, observamos que de Ambrósio – como dos demais Padres da Igreja – “aprendemos como virtualmente cada Palavra das Escrituras inspiradas pode desvelar inesperadas e impenetráveis riquezas, se considerada no coração da vida e da oração da Igreja” (DH, n. 25).

Os textos eucológicos da quaresma, enriquecidos após a reforma litúrgica, alcançam nova compreensão a partir dos textos ambrosianos. Com efeito, dos Padres da Igreja também “aprendemos o quanto o mistério da Palavra bíblica está intimamente conexo com o da celebração sacramental” (DH, n. 25). Com efeito, a seção “*Ars Predicandi*” do Diretório Homilético tem recorrido aos textos eucológicos em vários momentos para demonstrar ao pregador sua grande importância na preparação da homilia. Assim, ressaltamos da experiência dos fiéis em seu itinerário quaresmal que a contribuição de Ambrósio de Milão traz uma riqueza às reflexões homiléticas e uma rica qualidade na medida em que o homiliasta também se familiariza com os textos litúrgicos em sua pregação. Nisso reside a dimensão mistagógica da homilia, recurso infelizmente pouco relevado nas celebrações.

A pregação litúrgica no tempo quaresmal, a partir dos textos bíblicos e eucológicos, tem o encargo de ajudar nossas comunidades a se “nutrirem pela Palavra” – coleta da quarta-feira da 3ª Semana da Quaresma (MR, 2020, p. 200) –, bem como a “desejarem o Cristo, pão vivo e verdadeiro” – pós-comunhão do 1º Domingo da Quaresma (MR, 2020, p. 182). Desse modo, ao longo da jornada rumo às celebrações pascais, os fiéis reconhecerão que “não só de pão vive o homem, mas de toda Palavra que sai da boca de Deus” (Dt 8,3; Mt 4,4).

Referências

ALDAZÁBAL, J. *A mesa da Palavra I: Elenco das Leituras da Missa*. São Paulo: Paulinas, 2007.

AMBROISE DE MILAN. *Traité sur l'Évangile de S. Luc*. Paris: Cerf, 1956, v. I. (Sources Chrésiennes, n. 45).

AMBROSIO DE MILÁN. *Elías y el ayuno; Nabot; Tobías*. Introducción, traducción y notas de Agustín López Kindler. Madrid: Ciudad Nueva, 2016. (Biblioteca de Patrística, 101).

AMBROSIO DE MILÁN. *Explicación del símbolo; Los sacramentos; Los misterios*. Introducción, traducción y notas de Pablo Cervera Barranco. Madrid: Ciudad Nueva, 2005. (Biblioteca de Patrística, 65).

AMBROSIO DE MILÁN. *Los deberes*. Introducción, traducción y notas de Domingo Ramos-Lissón. Madrid: Ciudad Nueva, 2015. (Biblioteca de Patrística, 100).

AMBROSIO DE MILÁN. *Sobre Abrahán*. Introducción, traducción y notas de Primitivo Tineo Tineo. Madrid: Ciudad Nueva, 2011. (Biblioteca de Patrística, 84).

AMBRÓSIO DE MILÃO. *Explicação do símbolo; Sobre os sacramentos; Sobre os mistérios; Sobre a penitência*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

ARENZANO, B. *La catechesi di Sant'Ambrogio: studio di pedagogia pastorale*. Gênova: [s. n.], 1957.

AUGÉ, M. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

BARSOTTI, D. *Il mistero cristiano e la parola di Dio*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2009.

BERGAMINI, A. *Cristo, festa da Igreja: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

BERTON, R. Abraham est-il un modèle? L'opinion des Pères dans les premières siècles de l'Église. *Bulletin de littérature ecclésiastique*, Toulouse, v. 97, n. 4, p. 349-373, 1996.

BONATO, A. La Scrittura come ricerca del Verbo divino e alimento spirituale negli scritti di sant'Ambrogio. In: PANIMOLLE, S. A. (dir.). *Parola di Dio e S. Scrittura: Tradizione nei Padri dei secoli IV e V*. Roma: Borla, 2008. p. 189-259. (Dizionario di Spiritualità Bíblico-Patrística, 48).

CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium: Constituição do Concílio Vaticano II sobre a Sagrada Liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2013.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Carta circular “Paschalis Solemnitatis” sobre a preparação e a celebração das festas pascais*. Disponível em: <https://www.presbiteros.org.br/paschalis-sollemnitatis-a-preparacao-e-celebracao-das-festas-pascais/>. Acesso em: 17 fev. 2022.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Diretório Homilético*. Brasília: CNBB, 2015. (Documentos da Igreja, 19).

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Missal Romano*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1992. (24ª reimpressão: 2020).

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Ritual da Penitência*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2006.

FARNÉS, P. *A mesa da palavra II: leitura da Bíblia no Ano Litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2007.

MAGRASSI, M. *Viver a palavra*. São Paulo: Paulinas, 1984.

NAUROY, G. L'écriture dans la pastorale d'Ambroise de Milan. In: FONTAINE, J.; PIETRI, C. (orgs.) *Le monde latine antique et la Bible*. Paris: Beauchense, 1985. p. 371-408.

SATTERLEE, C. A. *Ambrose of Milan's method of mistagogical preaching*. Collegeville: The Liturgical Press, 2002.